



Revista Hélade  
ISSN: 1518-2541  
[www.helade.uff.br](http://www.helade.uff.br)

**Título:** Lugares do Sagrado na cidade pós-clássica: Libânio e a reforma do *Plethrion* de Antioquia

**Autor:** Gilvan Ventura da Silva

**Referência:** SILVA, Gilvan Ventura da. Lugares do Sagrado na cidade pós-clássica: Libânio e a reforma do *Plethrion* de Antioquia. **Hélade**, v. 2, n. 2, 2016, p. 74-83.

# LUGARES DO SAGRADO NA CIDADE PÓS-CLÁSSICA: LIBÂNIO E A REFORMA DO *PLETHRION* DE ANTIOQUIA\*

GILVAN VENTURA DA SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** Na fase tardia do Império Romano, verificamos uma reconfiguração progressiva da *pólis* ou *municipium*, o que propicia a emergência daquilo que os autores têm, há alguns anos, designado como a cidade pós-clássica, modalidade particular de organização cívica que embora conservando, em muitas localidades, o antigo contorno da cidade helenística e romana, sofre, a partir do século IV, transformações importantes do ponto de vista econômico, administrativo, religioso e arquitetônico. Nesse artigo, temos por objetivo discutir as transformações ocorridas em Antioquia, a metrópole da província da Síria *Coele*, na segunda metade do século IV, em especial no que diz respeito ao aumento populacional devido à intensificação das correntes migratórias no sentido campo-cidade, o que exige das autoridades cívicas a implementação de reformas nos edifícios públicos com a finalidade de comportar a maior afluência de usuários, procedimento censurado por determinados

segmentos da *pólis*, receosos de que as alterações no espaço urbano conduzissem à dessacralização da cidade e de seus festivais, como vemos na *Oratio X*, de Libânio, um manifesto contra a expansão do *Plethrion* pretendida pelo *comes Orientis* Proclo.

**Palavras-chave:** Antiguidade Tardia, Antioquia, Libânio, *Plethrion*.

Quando tratamos ou falamos da História, ou seja, de uma modalidade particular de reflexão metódica sobre a experiência humana visando a conferir sentido à realidade pretérita, mas também à presente, é comum, nos meios acadêmicos, atribuir-se à escrita um papel determinante, como revela a tendência, hoje mais enfraquecida do que outrora, de se instituir uma clivagem absoluta entre uma fase histórica e uma pré-histórica da humanidade, como se o advento da escrita tivesse sido capaz, por ele mesmo, de reorientar todo o curso da história. Deixando de lado essa discussão, não menos relevante quando se trata de assinalar, por um lado, a continuidade dos processos sociais e, por outro, a importância da cultura material como testemunho

<sup>1</sup> Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo, professor de História Antiga da Universidade Federal do Espírito Santo e bolsista produtividade 1-C do CNPq. No momento, executa o projeto de pesquisa intitulado *Protesto, trabalho e festa na cidade pós-clássica: a ocupação da rua pela população de Antioquia (séc. IV e V d.C.)*.

para a compreensão/interpretação do passado, vale a pena destacar que o surgimento de sociedades caracterizadas por um nível maior de complexidade, como aquelas que despontam na Mesopotâmia e no Egito no decorrer do quarto milênio a.C., é dependente não apenas da escrita, no fundo uma técnica mnemônica posta, de início, a serviço das elites governantes, mas também de todo um movimento de reorganização espacial, de manipulação e transformação do meio ambiente num grau muito mais intenso do que aquele observado durante o Paleolítico e o Neolítico.

Não por acaso toda uma tradição arqueológica que remonta pelo menos a Gordon-Childe (1973) qualifica a superação do Neolítico nos termos de uma Revolução Urbana, ou seja, de um extenso rearranjo das forças políticas, sociais, econômicas e religiosas que desemboca, ao fim e ao cabo, na fundação das cidades, desde então companheiras inseparáveis do homem que assumem, ao longo do tempo, um notável protagonismo. De fato, atualmente as cidades concentram mais da metade da população do planeta, o que tem estimulado, em especial nos países emergentes, a formação não mais de metrópoles, mas de megalópoles, para desespero das autoridades públicas, pois o aumento da população urbana, ao mesmo tempo em que assinala o crescimento da economia e a maior especialização dos ofícios e serviços, exige um investimento crescente em infraestrutura e abastecimento, o que nem sempre ocorre, gerando-se assim um incômodo descompasso, como aquele verificado atualmente nos grandes centros urbanos, nos quais se multiplicam os antagonismos e as zonas de fricção (MONGIN, 2005, p. 15).

Considerando que as cidades, assim como tudo aquilo resultante da ação do homem no espaço e no tempo, possui a sua própria história, é virtualmente impossível captar o *ethos* urbano ou a sua essência, muito embora costumemos nos referir às cidades com adjetivos que, ao exprimir apreço ou despreço, pretendem isolar o seu principal atributo, como quando dizemos que determinada cidade é “vibrante”, “moderna”, “sofisticada”, “conservadora”, “violenta”, “suja” e assim por diante. Dando

prosseguimento às reflexões da Escola de Chicago acerca do impacto da concentração populacional nas metrópoles contemporâneas, a investigação sobre as cidades empreendida nas últimas décadas apresenta como denominador comum o confronto com as concepções moralistas que identificam, nas mutações da realidade urbana, um sintoma de anomia, de desordem e de caos. Nesse sentido, os antropólogos, sociólogos, geógrafos e urbanistas têm preferido analisar a dinâmica da cidade por meio da pluralidade de *performances* dos seus habitantes, seus dramas, suas redes de sociabilidade, suas estratégias de sobrevivência, em conexão com a maneira pela qual lidam com o território circundante, como se apropriam dele, o constroem e subvertem, como o codificam, o interpretam e o representam, conferindo assim ao espaço urbano intensa carga emotiva, pois a cidade, dentre tantas outras funções que cumpre, é também um repositório das sensibilidades, dos prazeres e dos medos que experimentamos ao circular pelas suas ruas e praças e ao travar contato com os edifícios e monumentos (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 86).

A cidade, na condição de entidade unitária e completa, é uma miragem, não apenas pelo fato de que toda cidade se reparte numa pletera de sub ou micro espaços – bairros, distritos, zonas, quarteirões e similares –, mas também pelo fato de que a maneira como os habitantes a percebem, a imagem que dela fazem, é igualmente múltipla, multifacetada, de acordo com as condições socioeconômicas, as preferências ou mesmo as crenças dos residentes e dos eventuais visitantes, conclusão que nos impede de eleger um único traço distintivo para determinada cidade, qualquer que seja ele (LYNCH, 2006, p. 11). Artefato saturado de memórias e fonte inesgotável de transformação, ao ser atravessada a todo o momento pelos deslocamentos populacionais, posto que constitui um polo de atração tanto para os observadores ocasionais, como os turistas e viajantes, quanto para aqueles em busca de melhores condições de vida, ou seja, os imigrantes de todas as procedências, a cidade se oferece como cenário incomparável para o embate entre as forças

da tradição e as da mudança, entre os discursos que evocam os usos e costumes em prol da preservação da integridade cívica e aqueles que, apoiados num realismo e num pragmatismo ímpares, acreditam ser necessário adaptar a cidade aos desafios dos novos tempos, o que não raro implica a reconfiguração da paisagem, como demonstram as propostas de reforma do espaço urbano, por vezes bastante arrojadas.

Uma situação como essa, na qual passado e presente, permanência e inovação se defrontam, condicionando a formulação de diversos pontos de vista sobre a cidade, é aquilo que desejamos explorar neste artigo tendo como referência o contexto de Antioquia, a metrópole da província da Síria *Coele*, na segunda metade do século IV. Nosso propósito é discutir o conteúdo das reflexões de Libânio, à época o mais iminente orador de língua grega de todo o Império Romano, acerca da reforma do *Plethrion*, o recinto no qual eram disputadas as provas de luta (*palé*), pugilismo e pancrácio,<sup>2</sup> modalidades esportivas que integravam os Jogos Olímpicos de

<sup>2</sup> Na sociedade greco-romana, a luta foi a primeira modalidade esportiva de competição sem o uso de armas, encontrando-se já presente na narrativa de Homero acerca dos jogos fúnebres celebrados em honra de Pátroclo. Nos Jogos Olímpicos, havia duas modalidades de luta: a *orthopalé* ou *stadaia palé*, na qual os competidores deveriam permanecer todo o tempo de pé, sagrando-se vencedor aquele que primeiro derrubasse o oponente; e a *kató palé*, que admitia o combate no solo, mas apenas por meio da aplicação de golpes e não de socos, elemento característico do pugilismo e do pancrácio. O pugilismo, modalidade esportiva que tinha Apolo como padroeiro, transcorria por meio da troca de socos, razão pela qual os contendores costumavam recobrir as mãos com tiras de couro de modo a sustentar a articulação do pulso e estabilizar os dedos. Em época romana, os pugilistas passaram a adotar o *caestus*, uma luva reforçada com ferro e chumbo, o que sem dúvida conferia ao esporte um caráter letal. O pancrácio, por sua vez, era uma combinação da luta com o pugilismo, admitindo-se praticamente todo tipo de golpe, exceto morder ou inserir os dedos e unhas nos olhos, nariz ou boca do adversário. Embora dispensasse o uso de luvas, o pancrácio era considerado a mais perigosa e árdua das competições, em especial devido ao emprego de chutes. Informações suplementares sobre o assunto podem ser encontradas nos verbetes de Paleólogo incluídos na obra de Andronikos *et al.* (2004, p. 175 e ss.).

Antioquia,<sup>3</sup> num momento em que a cidade experimentava uma acentuada expansão econômica e populacional, exigindo assim das autoridades a ampliação dos edifícios públicos com a finalidade de comportar a maior afluência de usuários, procedimento censurado pelos segmentos mais conservadores da *pólis*, receosos de que as modificações arquitetônicas conduzissem à dessacralização dos festivais e, por conseguinte, da própria cidade. Para tanto, nos apoiaremos na *Oratio X, Sobre o Plethrion*, endereçada a Proclo, o então *comes Orientis*, que projetava expandir o edifício. A oração, segundo Martin (1988, p. 215), teria sido composta durante os preparativos para os Jogos Olímpicos de 384, período que coincide com o mandato de Proclo.

\*\*

A chegada dos romanos à região da Síria-Palestina, no decorrer do século I a.C., logo colocou Antioquia na órbita de influência de Roma, acarretando a deflagração de um conjunto de intervenções de modo a dotar a cidade de construções adaptadas ao *modus vivendi* romano. Tal operação tinha sem dúvida por objetivo exprimir o controle de Roma sobre a capital do reino selêucida que, em tese, permanecia nas mãos de Filipe II, um rei-cliente da República. Por ocasião de uma visita a Antioquia, em 67 a.C., o procônsul da Cilícia, Quinto Márcio Rex, então encarregado dos interesses romanos na região, tomou providências para a construção de um palácio e de um hipódromo na ilha formada pelo Orontes (DOWNEY, 1961, p. 140). Já em 64 a.C., no

<sup>3</sup> Ao tratarmos do pugilismo, da luta e do pancrácio como modalidades esportivas, estamos pressupondo, naturalmente, a existência, no Mundo Antigo, de um conjunto de atividades lúdicas que poderiam ser reunidas sob a rubrica de *esporte* ou *desporto*, vocábulos de inequívoca ressonância contemporânea. Conforme argumenta Lessa (2008), muito embora gregos e romanos não tenham cunhado uma palavra equivalente a esporte, termos como *ágon*, *athlos*, *gymnasion*, *certamen*, *ludus* e *lusus* exprimiam formas de interação marcadas pela competitividade e pela agressividade, formas estas responsáveis por estreitar a coesão social e consolidar princípios éticos e estéticos, funções amiúde cumpridas pelos esportes na atualidade.

rastrado da campanha do Oriente contra Mitrídates, o rei do Ponto, Pompeu determinou a reconstrução do *bouleuterion*, o recinto de reuniões da cúria municipal, ao que tudo indica danificado por um terremoto (DOWNEY, 1963, p. 73). Em seguida, coube a César implementar um programa de reformas mais ambicioso mediante a construção de uma série de edifícios dentre os quais o mais famoso era o *Kaisarion*.<sup>4</sup> Além disso, o projeto urbanístico de César incluía a criação de um anfiteatro, de um aqueduto e de um recinto para abrigar os banhos, nas encostas dos Montes Sílpios; o restauro ou inauguração de um novo teatro e a reforma do *Pantheon*.

Na avaliação de Downey (1961, p. 156), a extensão dessas reformas, executadas num intervalo de tempo relativamente curto, indica o desejo inequívoco de César em aumentar o prestígio de Roma e ao mesmo tempo introduzir o estilo de vida dos conquistadores na região sírio-palestina, estratégia de domínio continuada por Augusto,<sup>5</sup> quando Antioquia passou a deter um papel determinante no cenário político internacional, tanto na condição de posto avançado de defesa da fronteira síria contra a Pártia quanto na de encruzilhada das mais importantes rotas comerciais do Império. Disso resulta que a cidade, na fase imperial, adquire um prestígio sem precedentes, como comprova a fundação, sob Augusto, de um ciclo de competições locais que em pouco tempo se converte nos Jogos Olímpicos de Antioquia, um dos mais famosos festivais do Império. A iniciativa foi financiada por Sosíbio, um notável de Antioquia que integrava a corte de Augusto. Quando do falecimento, Sosíbio havia legado seu patrimônio à cidade natal, determinando que

os rendimentos extraídos de suas propriedades fossem empregados no financiamento de competições que deveriam ocorrer a cada quatro anos, no mês de *Hyperberetaios*, ou seja, em outubro (MARTIN, 1988, p. 221).

Cedo, no entanto, os responsáveis por administrar o legado de Sosíbio passaram a desviar os recursos, o que resultou na interrupção dos Jogos. Indignados, os cidadãos de Antioquia recorreram a Cláudio, que, em 43 ou 44, determinou a retomada do festival e sua inclusão definitiva no calendário cívico (MAAS, 2001, p. 16). Na oportunidade, o imperador alterou também a periodicidade dos Jogos, que passaram a ser celebrados a cada cinco anos. Todavia uma sequência de terremotos e incêndios nas décadas seguintes impediu que os Jogos conservassem a regularidade, até que, em 175 ou 176, Marco Aurélio decidiu suspendê-los como punição ao apoio dos antioquenos ao golpe perpetrado por Avidio Cássio. Ao que tudo leva a crer, tão logo Cômmodo assumiu a púrpura em lugar de Marco Aurélio, os cidadãos de Antioquia dirigiram ao novo soberano uma petição solicitando o restabelecimento dos Jogos Olímpicos e de outros festivais, bem como a provisão de fundos para a sua realização. Notório entusiasta dos *ludi* e espetáculos, Cômmodo se mostrou favorável à demanda, emitindo um edito no qual ordenava que a dotação proveniente da herança de Sosíbio passasse a ser administrada pelo tesouro municipal (*demosion*, cf. DOWNEY, 1939, p. 429). No mesmo edito, o imperador fixava um novo calendário para os Jogos, que deveriam ser celebrados a cada quatro anos por um período de vinte e cinco dias, entre os meses de julho e agosto. A partir de 181, os Jogos foram assim restabelecidos, assumindo as principais características pelas quais serão conhecidos mais tarde, no século IV, a despeito do fato de Libânio queixar-se de algumas inovações, segundo ele pouco recomendáveis, como veremos a seguir.

\*\*\*

Os Jogos Olímpicos de Antioquia eram um festival religioso em honra a Zeus organizado por um colégio de três magistrados – os ditos agonotetas

<sup>4</sup> Erigido às margens do Parmênio, na zona central da cidade, o *Kaisarion* é considerado o mais antigo exemplar de basílica romana nas províncias do Oriente (DOWNEY, 1961, p. 154).

<sup>5</sup> Sob Augusto, Antioquia recebeu um tratamento especial na condição de metrópole da Síria, província imperial administrada por um *legatus Augusti*. O próprio imperador visitou a cidade em duas ocasiões, em 31-30 a.C., logo após a vitória em Ácio, e em 20 a.C., no decorrer de sua viagem à Grécia e à Ásia. Dentre as iniciativas imperiais que remontam a este período, destacam-se a construção das Termas de Agripa, a fundação de um novo bairro e a instalação, no teatro, de uma segunda fileira de assentos (DOWNEY, 1961, p. 171-172).

– especialmente designados para a tarefa.<sup>6</sup> Dentre esses magistrados, o mais importante era o alitarca que, no decorrer do mandato, se convertia num autêntico representante de Zeus, razão pela qual era obrigado a observar alguns preceitos religiosos, como, por exemplo, a proibição de dormir sob um teto ou numa cama, devendo passar as noites ao relento, no pátio do *Kaisarion*, acomodado sobre tapetes. O alitarca ostentava uma túnica branca ornada de ouro, calçava sandálias igualmente brancas, cingia uma coroa de rubis e pérolas e portava, nas mãos, um cetro de ébano (MARTIN, 1988, p. 222). Na hierarquia dos Jogos, a segunda posição pertencia ao *grammateus*, o secretário do colégio dos agonotetas, que fazia jus às honrarias prestadas a Apolo. Assim como o alitarca, o *grammateus* revestia uma túnica branca e portava uma coroa de ouro maciço sob a forma de folhas de louro. Como terceiro e último membro do colégio, havia o *amphitales*, que trajava uma túnica de seda branca e cingia uma coroa de folhas de louros contendo a efígie de Zeus. Em termos religiosos, o *amphitales* encontrava-se sob a proteção de Hermes (DOWNEY, 1961, p. 231-232). Muito embora, em virtude dos recursos provenientes do patrimônio de Sosíbio, as magistraturas conectadas com os Jogos não constituíssem propriamente uma liturgia, ou seja, não exigissem dos seus detentores uma contribuição em dinheiro ou serviços, na Antiguidade Tardia a organização do festival já havia assumido uma clara conotação litúrgica, e bastante onerosa por sinal, como revelam a repartição dos encargos entre diversos agonotetas, bem como a subvenção a eles concedida pelo imperador (DOWNEY, 1939, p. 431).

<sup>6</sup> Muito embora alguns autores tenham sustentado que o siriarca, um dos líderes das assembleias provinciais, integrava o colégio dos magistrados encarregados dos Jogos Olímpicos de Antioquia, Liebeschuetz (1959) argumenta de modo bastante convincente acerca do caráter infundado de tal afirmação. Segundo o autor, o siriarca, na realidade, seria responsável pela organização dos *ludi* (competições de aurigas, performances teatrais e caçadas do anfiteatro) que ocorriam anualmente, por ocasião das assembleias provinciais, oferecendo tais espetáculos às dezessete cidades da Síria, e não a Antioquia apenas. A siriarquia seria, portanto, cumprida em outro contexto que não o dos Jogos Olímpicos. Em razão dos custos elevados da liturgia, o siriarca costumava contar com apoio dos fundos imperiais.

À época de Sosíbio, o programa dos Jogos comportava concursos atléticos – luta, pugilismo, pancrácio, corrida –, campeonatos musicais, representações cênicas e disputas no hipódromo. Segundo uma tradição conservada por Malalas (*Chron.* 10, 249), o repertório de competições seria *mutatis mutandis* o mesmo adotado em Élis, pois os antioquenos teriam comprado aos pisanos, que controlavam o santuário de Olímpia, o direito de reproduzir o mesmo programa desportivo. A narrativa, a bem da verdade, é digna de pouco crédito, embora nos permita aferir o valor atribuído pelos sírios à tradição helênica. Como propõe Liebeschuetz (1959, p. 125), os Jogos de Antioquia, mesmo tendo sido instituídos sob o domínio romano, foram reconhecidos durante muito tempo como um festival de origem grega até que, no século IV, ao incorporarem as caçadas do anfiteatro (*uenationes*), passaram a exibir um matiz claramente híbrido. Outra inovação contemporânea teria sido a admissão de crianças e adolescentes no banquete de encerramento, algo que Libânio reputava como indecoroso por estimular a corrupção da juventude (MARTIN, 1988, p. 212). Os atletas que participavam dos Jogos eram amiúde profissionais recrutados nos territórios da Bitínia, Lônia e Egito, dentre outros atraídos pelo desejo de glória, mas também pela distribuição de prêmios em dinheiro (PETIT, 1955, p. 125 ss.).<sup>7</sup>

A reorganização dos Jogos Olímpicos por Cômmodo deu ensejo à construção de diversos edifícios, a começar pelo *Xystós*, uma pista de atletismo dotada de cobertura e assentos para o público. Situado nas imediações do templo de Atená e dos banhos públicos conhecidos como “Termas de Cômmodo”,

<sup>7</sup> Na época helenística e imperial, o tempo da modesta coroa de louros entregue aos vencedores das competições já havia sido definitivamente superado, uma vez que as cidades passaram a conceder aos atletas prêmios sob a forma de bens, dinheiro ou isenções, o que contribuiu sobremaneira para a profissionalização do esporte, com destaque para a luta, o pancrácio e o pugilismo. Surgia assim a figura do atleta profissional, do competidor itinerante que se deslocava de uma cidade para outra em busca de fama, mas também de riqueza. Esses atletas costumavam se agrupar em associações profissionais (*collegia*), recebendo inclusive apoio financeiro do imperador (KYRKOS, 2004, p. 306-307).

o *Xystós* continha também um templo dedicado a Zeus. Como as finais das competições atléticas e a cerimônia de premiação ocorriam em Dafne, subúrbio distante cerca de 8 km de Antioquia, no sentido sul, havia, no local, um estádio dedicado a Zeus Olímpico (*Olympiakon*) que teria sido reconstruído ou redecorado por Diocleciano à guisa de tributo à sua divindade tutelar, devoção que levou inclusive o imperador a assumir, nos Jogos de 300, o cargo de alitarca (PETIT, 1955, p. 136; DOWNEY, 1961, p. 326).

Além do *Xystós* e do estádio de Zeus Olímpico, o terceiro edifício associado diretamente aos Jogos de Antioquia era o *Plethrion*, cuja construção remontava ao governo de Dídio Juliano, em 193, tendo sido inaugurado, muito provavelmente, nos Jogos de 196.<sup>8</sup> O *Plethrion* foi construído para abrigar as disputas de luta, pugilismo e pancrácio que outrora, segundo Malalas (**Chron.** 12, 290), aconteciam no teatro. As etapas classificatórias dessas modalidades transcorriam por cerca de um mês, ao passo que as semifinais eram realizadas numa tarde (PETIT, 1955, p. 126). Desejando um local mais apropriado para as competições, a população solicitou ao imperador recursos para a construção do *Plethrion*, instalado nas proximidades do *Kaisarion*, do *Xystós* e das Termas de Cômodo, num terreno antes ocupado pela residência de um decurião judeu. O *Plethrion* original contava decerto com instalações modestas, abrigando apenas duas fileiras de assentos de pedra para os treinadores, patronos e autoridades, o que, no século IV, foi considerado

insuficiente, motivo pelo qual o edifício passou por ampliações sucessivas. A primeira delas data de 332, quando Argírio, certamente na condição de alitarca, patrocinou a duplicação dos assentos. Quatro anos depois, em 336, Fasgânio, tio de Libânio, empreende uma nova reforma, duplicando uma vez mais a capacidade do edifício. Em virtude dessas intervenções, o público se torna mais numeroso e diversificado. Por fim, em 384, Proclo decide ampliar o *Plethrion* uma vez mais, o que leva Libânio a pronunciar a sua *Oratio X*, na qual se posiciona abertamente contra a decisão (DOWNEY, 1939, p. 435-436). Embora não tenhamos como avaliar o efeito da opinião do orador sobre as ações de Proclo ou da *boulé*, corresponsável pela administração da cidade, o fato é que a reforma, ao que parece, não se concretizou.

\*\*\*

O principal argumento empregado por Libânio contra a expansão do *Plethrion* diz respeito à perda do caráter sagrado do recinto, resultado direto de uma política de admissão indiscriminada de pessoas de extração social inferior – rapazes em idade escolar, escravos, trabalhadores manuais e desocupados – que vinha se delineando desde a época de Argírio. De acordo com o orador (**Or.** X, 4-8), as competições que ocorriam no *Plethrion* eram outrora cercadas de uma veneração digna dos mistérios, o que se traduzia num respeito incondicional aos atletas, sendo as provas acompanhadas em profundo silêncio. Perante uma assistência pouco numerosa, era muito mais fácil para o alitarca exercer sua autoridade, corrigindo, pela força do seu bastão, os eventuais excessos. A explicação de Libânio para esse caráter solene do edifício repousa nas suas dimensões físicas: como o *Plethrion* era então menor, o acesso a ele era mais difícil, permitindo uma seleção mais criteriosa dos espectadores, a exemplo do que acontecia nos rituais de iniciação aos mistérios, nos quais prevaleciam o silêncio e a discrição. Embora fossem ovacionados pela multidão, satisfeita em participar das competições, Argírio, Fasgânio e Proclo teriam sido responsáveis por introduzir a

<sup>8</sup> Quando constatamos o empenho de imperadores como Cláudio, Cômodo, Dídio Juliano e Diocleciano na manutenção dos Jogos Olímpicos de Antioquia, inclusive com a construção de edifícios para abrigar as competições atléticas, torna-se muito difícil concordar com a afirmação de Kyrkos (2004, p. 310) segundo a qual os romanos desprezavam o atletismo e os costumes atléticos dos helenos. Difícil também é sustentar o argumento de que os Jogos Olímpicos experimentaram, na época imperial, uma sensível decadência pelo fato de os romanos não “estarem em posição de dar novo alento ao ideal atlético helênico”. Se os romanos fossem tão refratários aos Jogos Olímpicos, certamente estes não teriam permanecido, em Antioquia, até 520.

*hýbris* num recinto colocado sob a proteção de Zeus, algo equivalente, segundo o sofista, a uma autêntica profanação (Or. X, 15).

Na opinião de Libânio (Or. X, 18-20), antes de pretender uma nova expansão do *Plethrion*, Proclo deveria remover os anexos e recompor os assentos originais, assim como procediam os médicos ao extirpar do corpo humano as excrescências. Tal atitude, ao exprimir o zelo e a reverência para com Zeus, seria muito mais condizente a alguém que, como Proclo, dizia-se devoto dos deuses. Todavia, segundo Libânio, para devolver ao *Plethrion* sua antiga estrutura seria necessário romper com a multidão e seguir as recomendações das pessoas íntegras, algo que o *comes Orientis* não parecia inclinado a fazer, uma vez que sua política edilícia, consubstanciada na abertura de ruas e na construção de pórticos, banhos e mercados, teria sido bem recebida pelos habitantes, que o louvavam por ter convertido Antioquia em uma grande cidade. Para Libânio, ao pretender a reforma do *Plethrion*, Proclo não acrescentava valor à *pólis*, mas antes a desonrava, acentuando a degradação iniciada por Argírio. A fim de adular o populacho, Proclo equiparava um edifício sagrado ao Teatro de Dioniso, palco dos mimos e das pantomimas que tanto irritavam o orador, contrariando assim as normas ancestrais (Or. X, 23-5). Na raiz do problema, Libânio identifica o afluxo de imigrantes para Antioquia, o que teria provocado um súbito aumento da população e exigido a remodelação da paisagem urbana com o propósito de acomodar os recém-chegados, muitos deles em busca de uma vida melhor. Contrariado com tal situação, argumenta (Or. X, 25-27):

Eu preferiria que nossa cidade não devesse o crescimento de sua população às catástrofes que ocorrem alhures; que cada cidade pudessem conservar seus próprios cidadãos. [...] Mas se essas pessoas [i. é, os imigrantes], expulsas de seus lares pelo infortúnio, se precipitaram aqui [em Antioquia] em massa, não é necessário que esse teatro [i. é, o *Plethrion*] seja tomado de assalto. Não é justo que buscando refúgio entre nós eles ameacem os nossos Jogos Olímpicos. Que os refugiados vindos de alhures se instalem aqui, isso eu o desejo, mas sem produzir uma corrupção adicional à etapa da festa cuja realização comporta um alto grau de

solenidade. Outrora as pessoas que ocupavam os assentos originais não eram unicamente os habitantes da cidade. Estes eram numerosos, pois não houve época na qual nossa cidade não tivesse muitos habitantes. No entanto, aqueles que vinham assistir este espetáculo não eram mais numerosos do que se convinha.

Prevedendo um futuro sombrio para os Jogos em virtude da expansão do *Plethrion*, acrescenta com amargura Libânio (Or. X, 35-36):

Mesmo que digam alguns que o que Proclo fez ao *Plethrion* lhe renderá muitos dentre os mais magníficos elogios, ele deverá dar-se por feliz se não encontrar alguém que o maldiga. Eu sei até onde irão essas maldições, quando o *Plethrion* tiver afundado nesta maré, quando a multidão, repartida em facções, ultrapassar os limites do bom direito que acredita existir em ambos os lados, sustentando alguns e sendo sustentada por outros; e quando os punhos se erguerem por toda parte, quando os clamores invadirem a cidade inteira, e quando alguns chegarem mesmo aos gritos. Então os anciãos que virem isso após terem visto as cerimônias de outrora, como não se lamentarão eles de uma mudança tão profunda e o que não dirão esses amantes dos verdadeiros Jogos Olímpicos?

Libânio, ao se opor à reforma do *Plethrion*, o faz num momento em que a *pólis* se encontra em plena expansão, como sugerem as referências contidas em seus panegírico de 356, no qual exalta a efervescência de Antioquia, consubstanciada numa intensa atividade de fundação ou restauro de edifícios públicos e privados (Oratio XI, 227). Ao mesmo tempo, verifica-se aquilo que os geógrafos costumam designar como conurbação, ou seja, a tendência de as grandes cidades absorverem as menores em virtude do crescimento populacional, como vemos ocorrer com Gindaro, uma cidade satélite incorporada a Antioquia em meados do século IV (LIEBESCHUETZ, 1972, p. 99). Sabemos também que Antioquia, no tempo de Libânio, atraía indivíduos das mais distintas categorias sociais, fossem eles camponeses provenientes das aldeias sírias ou estudantes oriundos das demais províncias do Oriente (SALIOU, 2000, p. 809; CRIBIORE, 2007). Disso resulta que a cidade contava, nos séculos

IV e V, com uma população entre 300 e 500 mil habitantes, estimativa bastante elevada para os padrões da Antiguidade.<sup>9</sup> De fato, Antioquia costumava ser celebrada como “a grande”, figurando entre as quatro maiores cidades do Império, ao lado de Roma, Constantinopla e Alexandria (WILKEN, 1983, p. 3). Naturalmente que tais proporções, embora pudessem, em certos casos, estimular o ufanismo de seus habitantes, em outros configuravam um grave problema, pois, como assinala Zetterholm (2003, p. 29-30), na fase imperial tanto o sistema de armazenamento e distribuição de água quanto a rede de esgotos de Antioquia eram precários, o que favorecia os surtos regulares de enfermidades, tais como tuberculose, varíola e sarampo, cuja disseminação era agravada pela alta concentração populacional. Terremotos e incêndios, por sua vez, eram frequentes, o que tornava a conservação da infraestrutura urbana uma empresa onerosa. Esses fatores, combinados, impunham a Antioquia um ritmo intenso de transformações, pois não apenas a população se renovava a cada dia, mas a própria cidade, em termos materiais e espaciais, era obrigada a se reinventar a fim de enfrentar os desafios a ela impostos. Em face de uma situação como essa, não nos causa surpresa que alguns setores da população reagissem à mudança contínua da cidade, repleta de estrangeiros que, muito naturalmente, não compartilhavam das tradições do lugar, convertendo-se assim em elementos inoportunos, inconvenientes e, no limite, responsáveis pela degradação da *pólis*, de seus edifícios e festivais, como sublinha Libânio.

O descontentamento de Libânio com a proposta de reforma do *Plethrion* não deve ser interpretado, a princípio, como mero preconceito de um conservador contra a suposta invasão de sua cidade por refugiados e imigrantes que ameaçavam a integridade de Antioquia, mas antes como evidência da polarização entre grupos que, possuindo visões distintas acerca da *pólis*, propunham soluções

igualmente distintas para uma realidade bastante complexa. Nessa dinâmica que opunha os recém-chegados aos residentes poderíamos enxergar, sem muita dificuldade, um processo de discriminação dos *outsiders* pelos estabelecidos, como certa vez propuseram Elias & Scotson (2000) num ensaio de aguda percepção sociológica. No entanto, não devemos tomar a elite cidadina como um bloco homogêneo que, compartilhando da mesma representação da cidade, do seu passado, presente e futuro, fosse capaz de se alinhar numa ampla ofensiva contra os imigrantes com o propósito de neutralizar o suposto efeito destrutivo das ações destes últimos sobre um patrimônio cultural tido como superior. Pelo contrário, não apenas Proclo, na condição de *comes Orientis*, mas também membros da oligarquia municipal, dentre os quais um dos familiares de Libânio, demonstravam ter outra compreensão sobre como lidar com o súbito crescimento da população, pretendendo, não a manutenção de um arranjo espacial excludente e obsoleto, mas a realização de intervenções visando a adequar o espaço urbano ao fluxo crescente de usuários, mesmo que isso significasse, aos olhos de alguns, um atentado às tradições da *pólis*. No caso específico do *Plethrion*, o principal temor de Libânio era o abandono da conexão entre as competições esportivas e o culto a Zeus Olímpico, na medida em que os espectadores tenderiam a reproduzir, num lugar sagrado, o comportamento indigno que costumavam adotar no Teatro de Dioniso, com a agravante de que as claques teatrais, em Antioquia, eram amiúde protagonistas de distúrbios e sedições frequentes, algo que, podemos supor, constituía um motivo a mais de preocupação para o sofista.<sup>10</sup>

A ênfase de Libânio na dissociação entre a função original do *Plethrion* e a atitude do público que, ignorante do caráter religioso das competições, se mostraria inclinado ao excesso e à algazarra, poderia constituir um exemplo daquilo que alguns autores descrevem nos termos de uma secularização própria do final da Antiguidade, ou seja, um

<sup>9</sup> A estimativa de 300 mil habitantes “livres” (*eleutheroi*) para Antioquia nos é transmitida por Diodoro Sículo, um autor do século I a. C. Outros autores, considerando a expansão da cidade na época tardia, têm sugerido um contingente superior a 300 mil pessoas, o que não configura nenhum absurdo. Sobre o assunto, consultar Downey (1958) e Zetterholm (2003).

<sup>10</sup> Para maiores detalhes sobre a atuação potencialmente conflitiva das claques teatrais em Antioquia, consultar Browning (1952).

esvaziamento das características pagãs da sociedade greco-romana, a começar pelos espetáculos e festivais, o que teria permitido aos cristãos frequentá-los sem perigo de serem contaminados pela *pompa diaboli* (REBBILLARD; SOTTINEL, 2010; LIM, 2012). Uma conclusão como essa, no entanto, não nos parece de todo adequada, mais não fosse pelo fato de replicar, sob outro registro, a própria visão de mundo contida nas fontes, eivadas de juízos de valor, como vemos na *Oratio X*. Acerca da reforma do *Plethrion*, nada parece sugerir um desejo deliberado de aviltamento das características religiosas do edifício, cuja reforma é concebida e implementada por agentes pagãos. Em segundo lugar, embora não tenhamos como precisar a crença daqueles que se dispunham a acompanhar as competições, sabemos que os festivais pagãos e judaicos de Antioquia, a exemplo da *Maiuma*, da Caliopeia e das comemorações do *Rosh-há-shaná*, o Ano Novo judaico, costumavam reunir extensos contingentes da população, incluindo os cristãos, que, nesse aspecto, se mostravam muito pouco dispostos a cooperar com o labor pastoral executado pelas lideranças eclesíásticas (SOLER, 2006). Caso os *ludi* e os festivais fossem desprovidos de qualquer conotação religiosa, dificilmente os pregadores cristãos teriam despendido tanto tempo e energia em rotulá-los como uma invenção diabólica.

O problema não nos parece residir, como sugere Libânio, na perda da sacralidade dos Jogos ou, em outras palavras, na sua profanação, mas no apego do sofista a uma visão estática e harmônica de Antioquia que não levava em conta a complexidade e o dinamismo da realidade urbana. Além disso, ao mesmo tempo em que elegia o outro – no caso, os imigrantes – como responsável pela ruptura das normas ancestrais, Libânio reforçava os códigos da exclusão espacial, procedimento que, como alerta Bauman (2006), talvez não seja o mais recomendado quando se trata de gerir os impasses característicos da vida urbana. Na medida em que a cidade e, em especial, as metrópoles, suscitam tanto a mixofilia, a propensão para o contato com pessoas estranhas, fonte de criatividade e de inovação, quanto à mixofobia, isto é, a resistência a esse mesmo contato devido à ameaça potencial representada pelos

desconhecidos, é possível que as múltiplas imagens da cidade se ajustem *grosso modo* a estas duas atitudes primárias, com o consequente rebatimento na configuração do espaço, capaz de nos revelar como os indivíduos e grupos lidam com a proximidade física que a cidade fatalmente proporciona. Os apelos de Libânio, se talvez tenham sido bem sucedidos em evitar a reforma do *Plethrion*, não foram decerto capazes de restituir ao edifício a sua forma original, anterior ao século IV, algo impensável para uma cidade que havia muito já fizera sua opção pela mixofilia, da qual as prédicas de João Crisóstomo constituem evidência mais do que suficiente.<sup>11</sup>

#### SACRED PLACES IN THE POST-CLASSICAL CITY: LIBANIUS AND THE REFURBISHMENT OF THE 'PLETHRION' OF ANTIOCH

**Abstract:** In the Later Roman Empire, there was a progressive reconfiguration of the *polis* or *municipum*, what favored the emergence of the *post-classical city*, as some scholars have been proposing in the last years. The post-classical city was a particular type of civic organization that, although keeping in several localities the ancient shape of the Hellenistic and Roman town, underwent important economic, administrative, political, religious and architectural changes from the fourth century A.D. onwards. In this article, we aim to discuss the changes that took place at Antioch, the metropolis of the Syrian province, in the second half of the fourth century A.D. We highlight the increase of the population owing to the intensification of the migration from the rural to the urban area, what required the renovation of some public buildings in order to host more spectators. Such decision was severely criticized by some citizens, who used to think that the alterations in the city could desecrate Antioch and its festivals, as we can see in the *Oratio X*, by Libanius, a manifesto against the enlargement of the *Plethrion* devised by Proclo, the *comes Orientis*.

**Keywords:** Late Antiquity, Antioch, Libanius, *Plethrion*.

<sup>11</sup> Acerca da crítica de João Crisóstomo às relações estreitas mantidas por membros da sua congregação com adeptos de outras crenças, especialmente os judeus, que costumavam movimentar Antioquia por ocasião da celebração dos festivais judaicos, consultar Silva (2011).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Documentação primária impressa*

JOHN MALALAS. **Chronicle**. Translated by Elizabeth Jeffreys, Michael Jeffreys and Roger Scott. Melbourne: Australian Association for Byzantine Studies, 2006.

LIBANIUS. **Antioch as a centre of Hellenic culture**. Translated with an introduction by A. F. Norman. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.

LIBANIOS. **Discours**. Texte établi et traduit par Jean Martin. Paris: Les Belles Lettres, 1988, p. 205-231. t. II.

*Obras de apoio*

ANDRONIKOS, Manolis. et al. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2004, p. 301-313.

BAUMAN, Zigmunt. **Confiança e medo na cidade**. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.

BROWNING, Robert. The Riot of A.D. 387 in Antioch: The Role of the Theatrical Clagues in the Later Empire. **The Journal of Roman studies**, Cambridge, v. 42, p. 13-20, 1952.

CHILDE, Gordon. **O que aconteceu na História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

CRIBIORE, Raffaella. **The school of Libanius in Late Antique Antioch**. Princeton: Princeton University Press, 2007.

DOWNEY, Glanville. The Olympic Games of Antioch in the Fourth Century A. D. **Transactions and proceedings of the American Philological Association**, Middletown, v. 70, 1939, p. 428-438.

DOWNEY, Glanville. The size of the population of Antioch. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, Middletown, v. 89, 1958, p. 84-91.

DOWNEY, Glanville. **A history of Antioch in Syria**. Princeton: Princeton University Press, 1961.

DOWNEY, Glanville. **Ancient Antioch**. Princeton: Princeton University Press, 1963.

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

KYRKOS, B. O desenvolvimento do atletismo nos períodos helenístico e romano. *In*: ANDRONIKOS, Manolis. et al. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2004, p. 301-313.

LESSA, Fábio. S. Esporte na Grécia antiga: um balanço conceitual e historiográfico. **Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2008, p. 1-18.

LIEBESCHUETZ, John. H. W. G. The Syriarch in the Fourth Century. **Historia**, Efurt, v. 8, n. 1, 1959, p. 113-126.

LIEBESCHUETZ, John. H. W. G. **Antioch**: city and imperial administration in the Later Roman Empire. Oxford: Clarendon Press, 1972.

LIM, Richard. Christianization, secularization, and the transformation of public life. *In*: ROUSSEAU, Philip. (Ed.). **A companion to Late Antiquity**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 497-511.

LYNCH, Kevin. **L'immagine della città**. Venezia: Marsilio, 2006.

MAAS, Michael. People and identity in Roman Antioch. *In*: KONDOLEON, Christine. (Ed.). **Antioch: the lost city**. Princeton: Princeton University Press, 2001, p. 13-21.

MARTIN, Jean. Notice. *In*: LIBANIOS. **Discours**. Texte établi et traduit par Jean Martin. Paris: Les Belles Lettres, 1988, p. 205-231. t. II.

MONGIN, Olivier. **La condition urbaine: la ville à l'heure de la mondialisation**. Paris: Seuil, 2005.

PETIT, Paul. **Libanius et la vie municipale a Antioche au IVe siècle après J.-C.** Paris: Paul Geuthner, 1955.

REBBILARD, Éric. SOTINEL, Claire. Introduction. *In*: REBBILARD, R.; SOTINEL, C. (Éd.). **Les frontières du profane dans l'Antiquité Tardive**. Rome: École Française de Rome, 2010, p. 1-14.

ROCHA, Ana. L. C.; ECKERT, Cornelia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

SALIOU, Catherine. Mesurer le paradis. Contribution au portrait d'Antioche aux époques romaine et proto-byzantine. *In*: NICOLET, Claude. ILBERT, Robert. DEPAULE, Jean-Charles. (Dir.). **Mégapoles méditerranéennes: Géographie urbaine retrospective**. Rome: École Française de Rome, 2000, p. 802-819.

SILVA, Gilvan. V. A sinagoga como espaço de sociabilidade entre cristãos e judeus, na Antioquia, segundo João Crisóstomo. *In*: QUADROS, Eduardo. G.; SILVA, Maria. C. (Org.). **Sociabilidades religiosas: mitos, ritos e identidades**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 33-52.

SOLER, Emmanuel. **Le sacré et le salut à Antioche au IVe siècle apr. J.-C.** Beyrouth: Institut Français du Proche-Orient, 2006.

WILKEN, Robert. L. **John Chrysostom and the Jews**. Eugene: Wip & Stock, 1983.

ZETTERHOLM, Magnus. **The formation of Christianity in Antioch: a social-scientific approach to the separation between Judaism and Christianity**. London: Routledge, 2003.

\* Este artigo resulta de uma conferência pronunciada no 25º Ciclo de Debates do Laboratório de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em novembro de 2015. Na ocasião, tivemos a felicidade de contar com a valiosa interlocução dos professores Regina Maria da Cunha Bustamante, Anderson de Araújo Martins Esteves e Deivid Valério Gaia.